

A DINÂMICA DO PROCESSO MIGRATÓRIO: ENTRE A MAGIA DO CINEMA E OS RIGORES DA PESQUISA

*José Candido Rifan Sueth**

Resumo: O artigo procura estudar a dinâmica do processo imigratório por meio do relacionamento entre quatro produções cinematográficas e a pesquisa acadêmica sobre o tema. Emergindo das películas analisadas, fazem-se reflexões em torno da formação de imaginários, da construção de identidades, composição de redes, nostalgia da terra natal, retorno à região de origem e outros aspectos que compõem o conjunto clássico de abordagens relacionadas com os atos de emigrar e imigrar. Entretanto, todas essas reflexões giram em torno de um conceito que, nesta análise, funcionará como o eixo central das observações aqui contidas: o conceito de padrão cultural de vida de grupo. A compatibilidade entre a Arte e a Ciência constitui o fundamento metodológico que presidiu a elaboração do presente trabalho.

Palavras-chave: migração, produção cinematográfica, padrão cultural.

Abstract: This article seeks to study the of immigratory proceeding dynamics by relating four cinematographic productions to academic researches about the issue. Emerging from these analysed films, considerations are done about building of imaginaries and identities, as well as network arrangements, motherland nostalgia, journey return to birthplace and other regards that make the classic set of approaches related to emigrating and immigrating. However, all these ponderations move around one concept that this analyse makes work as a comment's main point: the concept of cultural standard of group's living. Compatibility between Art and Science is the methodological foundation that oriented the working up of this research.

Keywords: migration, cinematographic productions, cultural standard.

A História registra processos de imigração, que se manifestaram nos primórdios da Humanidade. Por razões climáticas e em busca de alimentos, como na Pré-história e no início da Idade Antiga. Por perseguições várias e motivos políticos ou econômicos, como na Antiguidade Clássica. Ocorreu em Roma e Grécia, ou até mesmo com os judeus, cujas diásporas acham-se registradas nos livros considerados sagrados. Por inúmeros motivos, como já aconteceu com povos europeus – portugueses, espanhóis, franceses, ingleses, holandeses e outros – que se deslocaram para suas colônias de além-mar na Idade Moderna.

Na contemporaneidade – que vários autores consideram como o período posterior à Revolução Francesa – foram vários os processos imigratórios. Emblemática foi a dinâmica praticada pelos nobres franceses que fugiram da nova política implantada em seu país com a Revolução Francesa de 1789. Foram chamados de "emigrés" os partidários da monarquia absoluta que, a partir da tomada da Bastilha deixaram a França e se refugiaram no estrangeiro.

* Mestre em História Social das Relações Políticas.

Guerras e dificuldades econômicas fizeram com que os Oitocentos se caracterizassem pelo século da imigração. Europeus se deslocaram para as Américas ou para a África. Africanos e americanos foram para a Europa. Deu-se, por exemplo, a entrada de alemães e italianos no Brasil, na Argentina e nos Estados Unidos. Sírios e libaneses também se movimentaram. Aconteceu até o deslocamento de chineses em direção ao Brasil.

Tudo isso provocou uma nova composição demográfica em diversos países, gerando conseqüentemente novas caracterizações nas regiões para onde se dirigiram os imigrantes, como também nas áreas de onde saíram. Posteriormente, o século XX deu seqüência ao fenômeno migratório que, com fluxos e refluxos, prolongou-se até o século XXI, agravado por outro fenômeno que caracteriza nossa época: a globalização que,¹ não sem razão, os franceses chamam emblematicamente de mundialização, já que vem se dando a implantação de uma nova ordem na qual tende a ser formada uma sociedade composta por cidadãos do mundo.²

A extensão cronológica desse fenômeno de mobilidade humana já é por si só suficiente para interessar ao historiador. Afinal, Marc Bloch dizia que "[...] nossos grandes precursores [...] nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. [...] são os homens que a história quer capturar" (2002, p. 54), ao que ele acrescenta, citando outro historiador, Henri Pirenne: "[...] sou um historiador. É por isso que amo a vida. Essa faculdade de apreensão do que é vivo, eis justamente, com efeito, a qualidade mestra do historiador. [...] não há senão uma ciência dos homens no tempo e que incessantemente tem necessidade de unir o estudo dos mortos ao dos vivos" (BLOCH, 2002, p. 65 e 66). Assim, acha-se dentro dos objetivos da História estudar o fenômeno migratório, essa mobilidade humana que pertence ao mundo dos mortos e ao mundo dos vivos.

Muitos têm se aventurado por essas águas profundas da mobilidade humana. A pesquisa tem sobre isso engendrado estudos sérios, rigorosos e esclarecedores. É preciso consultá-los. Mas a arte também tem produzido muitas obras igualmente sérias, rigorosas e esclarecedoras no seu conteúdo. A diferença, talvez, esteja no continente e não no conteúdo. O objeto dos trabalhos - da academia ou do mundo artístico - é o mesmo: a mobilidade humana. Este é o conteúdo. Este é o vinho a se saborear. Em que vasilhame se coloca essa preciosidade do paladar? Se o conteúdo é elaborado na academia ou no mundo artístico, o vasilhame - o continente - será um ou outro. Por *conteúdo*, pode-se entender " [...] a matéria particular de uma proposição [...]" (JAPIASSU e MARCONDES, 1996, p. 54). Ora, essa proposição pode vir envolta nos rigores da ciência ou na beleza da arte. Sendo a História uma ciência, pode ela se fundamentar na arte?

Ora, também a Economia é uma ciência, tida como mais exata que a História. Pode ela se fundamentar na arte? Afirmativamente, responde Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central, que recentemente publicou livro em que, a partir de 600 crônicas de Machado de Assis,

¹ Adotam-se, neste trabalho, as reflexões de Leslie Sklair (2010, p. 94-96) sobre a globalização, por ele entendida como um aspecto central de todas as abordagens contemporâneas, no sentido de que muitos dos mais importantes problemas atuais não podem ser pensados corretamente no nível dos Estados nacionais, mas devem ser teorizados enquanto processos globalizantes, que ultrapassam o nível de Estado-nação.

² Por cidadão do mundo, este artigo entende a pessoa para quem a pátria é o mundo e que, por isso, se julga cidadão do mundo inteiro, expressão que os dicionários também registram como cosmopolita.

analisa temas econômicos e financeiros da época em que viveu o fundador da Academia Brasileira de Letras. *A Economia em Machado de Assis - o olhar oblíquo do acionista* é, assim, um privilégio historiográfico, a oportunidade de navegar pelo passado brasileiro na companhia de um literato e de um economista, ou seja, da arte e da ciência. (FRANCO, 2008)

Sidney Chaloub, historiador e professor da Unicamp, publicou vários livros, entre os quais *Machado de Assis, historiador*, no qual procura compreender a produção do romancista a partir do contexto social e histórico da época. Por meio de um estudo social e uma análise estética, o autor analisa romances e contos, em busca do sentido das transformações do período, conforme a visão de Machado. É a ligação entre a pesquisa histórica e a arte (SHALOUB, 2003).

Tantos são os autores que também estabelecem essa relação, que torna-se supérfluo mencioná-los. Trata-se da Literatura a serviço da História. Aqui estão novamente juntas a Arte e a pesquisa histórica. Assim, para a Ciência, não é estranho que um trabalho sobre a mobilidade humana fundamente suas reflexões em fontes artísticas, como é uma produção cinematográfica.

O processo imigratório e a produção cinematográfica

Entre os muitos historiadores e sociólogos que analisam a relação entre cinema e história, pode-se destacar Pierre Sorlin (1977), para quem o filme torna-se uma fonte de estudo para um historiador que tem por meta examinar a mentalidade presente em certo momento histórico, já que se pode comparar os códigos de um filme com os códigos de uma determinada época. O presente trabalho pretende, de algum modo, fazer essa comparação por meio da exposição narrativa do roteiro de alguns filmes, dos quais deduz conceitos que correspondem a práticas desenvolvidas no processo imigratório. Historiadores ingleses, que estudam a relação entre a história e o cinema, abordam o tema, considerando que o valor de um filme para um historiador acha-se na capacidade de uma película retratar uma cultura (KORNIS, 1992).

Ora, este artigo tem um duplo objetivo: ver como o cinema retrata o imigrante e relacionar esta visão com as teorias que os estudiosos da imigração elaboram a respeito das repercussões do fenômeno imigratório nas diversas culturas nas quais ele se desenvolve. São muitos os filmes que reproduzem as condições de imigração, em qualquer uma das fases de seu processo de realização - a preparação, o desembarque, a nostalgia e o retorno -, como também de suas diferentes modalidades: o imigrante legal (atualmente chamado de *documentado*), o ilegal (*não-documentado*) ou o refugiado.³ De uma maneira ou de outra, todos, quando imigram, são considerados *estrangeiros* que - em sentido amplo - pode-se conceituar como um indivíduo adulto que tenta ser permanentemente aceito ou ao menos tolerado pelo grupo do qual se aproxima (SCHUTZ, 2010).

³ Conforme a Declaração de Cartagena (1984), considera-se refugiado quem deixou "seu país de origem por causa da guerra, da violação massiva de direitos humanos ou de causas similares". No Brasil, a Lei 9.474/97 ampliou o conceito de refugiado, passando a "incluir também as vítimas de violação grave e generalizada dos direitos humanos" (MILESI, Rosita e CARLET, Flavia. Refugiados e Políticas Públicas, in: RODRIGUES, Viviane Mozzine. **Direitos Humanos e Refugiados**. Vila Velha: UVV, 2006, p. 131 e 133).

Muitas são as causas que levam à emigração. Inúmeros são os processos que envolvem a preparação para o ato de emigrar. Grandes são os problemas encontrados no desembarque. Enorme é a saudade de quase todos pela terra natal de onde saíram. E não poucas são as dificuldades encontradas quando o retorno é decidido.

Praticamente todas essas questões são abordadas em inúmeras produções cinematográficas que focalizam essa importante, antiga e atual problemática da mobilidade humana. Tratam-se de filmes que ajudam a compreender com arte e sensibilidade muitas questões teóricas que os especialistas colocam com o rigor científico necessário para as análises desses fenômenos. A dinâmica do processo imigratório é cheia de complexidades, exige muita pesquisa, proporciona muito estudo e gera teses repletas de conceitos, afirmações e conclusões que povoam os meios acadêmicos. Ela é, entretanto, uma moeda que apresenta também uma outra face: glamourosa e cheia de suspenses, interessando, assim, àqueles que se dedicam às produções cinematográficas.

São inúmeras as películas que, de um modo ou de outro, desenvolvem roteiros relacionados com o tema da imigração. Para um pesquisador elas têm o grande valor de explorarem, no campo artístico, conceitos que, no âmbito da pensamento, apresentam a frieza do raciocínio e da reflexão. E como a arte mexe com os sentidos, nada melhor que um filme para manipular, por exemplo, a visão, a audição e até mesmo – ainda que indiretamente – o tato, o olfato e o paladar. Assim, a sétima arte tem possibilidades de fornecer conceitos, reflexões e teses, a respeito de qualquer tema.

Entretanto, o eixo em torno do qual processar-se-ão as análises deste estudo que tem por centro quatro películas cinematográficas, resume-se no conceito de *padrão cultural de vida de grupo*, desenvolvido por Schutz (2010). Em torno dele colocam-se outros conceitos como, por exemplo, os de imaginário, identidade e nostalgia, todos focalizados na análise dos filmes mencionados. Entretanto, o que se pretende no presente estudo não é estabelecer um relacionamento entre as narrativas cinematográficas e o contexto histórico. Também não é estudar o papel ideológico do cinema. Deseja-se simplesmente utilizar os filmes, para, a partir deles, refletir sobre o conceito de *padrão cultural de vida de grupo* – e seus corolários, como o da construção de imaginários e criação de identidades, por exemplo –, que subjaz o processo migratório conforme narrado pelos quatro filmes analisados.

A análise dos estudos de Schutz sobre o *padrão cultural de vida de grupo* permite inferir que o sistema de conhecimento adquirido no grupo de origem faz com que qualquer membro nascido ou criado dentro desse grupo aceite o esquema já pronto do padrão cultural que foi transmitido a ele pelos familiares, professores e autoridades, como um guia certíssimo que serve para todas as situações do mundo em que a pessoa vive. Trata-se de um conjunto de receitas confiáveis para interpretar o mundo social e para obter o melhor resultado em todas as situações, com o mínimo de esforço. É por isso que "o estrangeiro começa a interpretar seu novo ambiente social nos termos do seu pensar habitual" (SCHUTZ, 2010, p. 122). No caso do imigrante, seu padrão cultural gera um processo de construção de imaginários com relação às pessoas do país para o qual ele imigrou.

No que diz respeito ao imaginário, procurou-se fundamentar este artigo no conceito específico que entende por imaginário "[...] o conjunto de representações, crenças, desejos, sentimentos, através dos quais um indivíduo ou grupo de indivíduos vê a realidade e a si mesmo" (JAPIASSU e MARCONDES, 1996, p. 138). Desse modo, ao tratar da questão do imaginário na vida do imigrante, estas reflexões se aproximam da História cultural, uma vez que se trabalha sobre as "representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros [...]" (CHARTIER, 1990, p. 23). É nesse contexto que entra o papel do imaginário na vida do imigrante: na formação de suas opiniões e na moldagem de suas práticas.

E o conceito de identidade? Trata-se da problemática do semelhante e do diferente, ou seja, da *identidade*, que já preocupava os pensadores, desde a Antiguidade. A palavra vem do latim tardio: *identitas*, que tem a mesma raiz de *idem*, que significa *o mesmo*. É por isso que a filosofia conceitua *identidade* como a "relação de semelhança absoluta e completa entre duas coisas, possuindo as mesmas características essenciais, que são assim a mesma" (JAPIASSU & MARCONDES, 2001, p. 136). Russ considera que a identidade é a "característica do que permanece tal como é (embora possa ser percebido de diversas maneiras)" (RUSS, 1994, p. 137).

Desse modo, sob o enfoque da mobilidade humana, este artigo procura investigar o funcionamento do que Schutz afirma ser o *padrão cultural de vida de grupo*, enquanto produzindo imaginários e construindo identidades, tudo isso retratado em quatro produções cinematográficas: *Coisas Belas e Sujas*, *Um dia sem mexicanos*, *Amreeka* e *Território Restrito*.⁴

Coisas Belas e Sujas (2002)

Com boas atuações de Chiwetel Ejiofor e Audrey Tautou no papel de Okwen e Sanya, O filme *Coisas belas e sujas* (*Dirty pretty things*, no original) do diretor Stephen Frears pode ajudar na elaboração de reflexões que caminham na direção de explicar o comportamento de imigrantes e, nesse sentido, de ajudar a esclarecer questões que dizem respeito à vida dos homens em sociedade.

Indicado ao Oscar de melhor roteiro original em 2004, o filme trata de imigrantes que levam uma vida de submundo na capital londrina. Os dois protagonistas são o nigeriano Okwe e a turca Samya.

Okwe exerce ilegalmente duas profissões: a de taxista e a de recepcionista do pequeno Baltic Hotel, onde Samya inicialmente trabalha de camareira. Os companheiros de Okwe descobrem-no um médico que misteriosamente veio parar em Londres e por isso se aproveitam de seus conhecimentos de medicina, com o objetivo de se consultarem com ele. Samya, por sua vez, vê-se às voltas com a polícia de imigração que desconfia de suas atividades, a partir do momento em que vizinhos denunciam que seu humilde apartamento é visitado por estranhos que,

⁴ Essa seleção não é aleatória. Foi feita com base na lista de filmes analisados no curso "A dinâmica imigratória: uma complexidade socio-histórica", brilhantemente ministrado pela profa. Dra. Maria Cristina Dadalto, em 2013, no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo.

na realidade, trata-se de Okwe a quem ela oferece pousada, dividindo clandestinamente com ele seus pequenos e pobres aposentos.

Afinal, o nigeriano descobre que está envolvido por pessoas que atuam no tráfico ilegal de órgãos humanos e que o convidam para que, como médico, ele participe desse trabalho infame. Com o objetivo de obter passaporte e dinheiro para que Samya e ele saiam do país, Okwe concorda em realizar uma cirurgia de extração de rins que se realiza de maneira completamente diferente da que queria o contraventor, mas que tornou possível o sonho dos dois imigrantes: eles saem da Inglaterra e cada um segue o destino que planejou, ela vai para os Estados Unidos e ele volta para a Nigéria.

O desenrolar do filme mostra de maneira bem elucidativa alguns aspectos da dinâmica migratória, e muito especialmente daquilo que se pode chamar de o papel do imaginário na construção de identidades, por parte de estrangeiros. Ora, por trás e além da questão do imaginário existe a importante problemática que se pode aqui levantar: como se dá a construção desse imaginário? Com certeza, essa dinâmica acha-se fundamentada naquilo que Schutz chamou de *padrão cultural de vida do grupo* e que gera um choque, quando o imigrante vê o novo grupo do qual ele se aproxima. Trata-se de um choque entre dois *padrões culturais*: o do grupo ao qual pertence o que se aproxima e do grupo do qual o estrangeiro quer se aproximar.

O *padrão cultural de vida do grupo* é constituído de valores próprios, de instituições e sistemas de direção que caracterizam qualquer grupo social em um certo momento de sua história. E é em função desses *padrões culturais* de seu grupo de origem que o imigrante – o estrangeiro – forma suas opiniões e molda suas atitudes no país para o qual imigra e no qual ele quer ser aceito. (SCHUTZ, 2010) Daí também inúmeros problemas psicológicos com os quais ele se depara, pois o imigrante observa o padrão cultural do outro por meio de ferramentas inadequadas, já que são fornecidas por outro padrão cultural, que é o seu.

O filme é rico em mostrar como a construção desse imaginário se torna importante na elaboração da identidade que imagina-se que o outro tenha. E isto, na película, não é mostrado somente do ponto de vista do imigrante com relação ao país que o abriga, mas também dos imigrantes entre si. Ou seja: constrói-se o outro em função daquilo que o padrão cultural do grupo de origem faz com que se imagine que o outro deveria ser. É, assim, esclarecedor ressaltar outro aspecto do que esse choque cultural pode provocar: a construção de imaginários resultante do contato dos imigrantes entre si. Nesse sentido, *Coisas belas e sujas* oferece exemplos vários, entre os quais podem-se mencionar os momentos em que, levada pela ideia de que a África é terra de leões, a personagem Juliette pergunta ao nigeriano Okwe se ele já viu esses felinos na vida, ao que ele respondia que sim: na TV. Trata-se de uma construção da identidade do nigeriano em função do imaginário construído pelo grupo ao qual pertence a personagem: todo africano vê leões.

É importante esse papel do imaginário no contato do estrangeiro com o país no qual pretende viver. Estudiosos brasileiros citam o fato de jovens alemãs e austríacas que, no começo do século XX, eram contratadas para serem professoras de filhos de ricos brasileiros e que chegavam em Santos vestindo botas e portando facões, como se estivessem chegando à floresta

amazônica (BINZER, 1994). Era o imaginário construído numa Europa que as fazia ver o Brasil dessa forma. É, novamente, o choque de padrões culturais. Ainda sob esse aspecto de construção de imaginários, pode-se mencionar a frase que Okwe fala para Senay no final do filme, quando refere-se a Nova York: “você verá uma fila enorme de taxis amarelos; o carro te levará por uma ponte; e quando você atravessar o rio, verá luzes nas árvores e policiais em cavalos brancos.” Trata-se mais uma vez de um romântico imaginário construído pelo padrão cultural do grupo social de Senay e Okwe a respeito da fria e desumana Nova York.

Podem ser concluídas essas reflexões com a frase – aqui ligeiramente modificada - utilizada por Okwe nos momentos finais do filme, quando ele caracteriza a visão - real ou não - que o padrão cultural de seu grupo social produziu a respeito de como são vistos os imigrantes no país que os acolheu: “Somos nós que dirigimos seus táxis, limpamos seus quartos [...]. Somos aqueles que vocês nunca vêem!”

Um dia sem mexicanos (2004)

Dirigido por Sergio Arau, o filme “*Um dia sem mexicanos*”, lançado em 2004, fornece meios para algumas reflexões também relacionadas com essa importante questão da construção de identidades. Na película, a Califórnia está em estado de choque: da noite para o dia, um terço de sua população simplesmente sumiu. Todos os 14 milhões de desaparecidos têm em comum suas raízes hispânicas: são policiais, médicos, operários e babás que garantiam o bem-estar da população branca. Enquanto autoridades procuram explicações para o caso - abdução alienígena, terrorismo biológico, causas sobrenaturais? - os californianos começam a perceber a importância dos antes desvalorizados *chicanos*.

É numa trama assim envolvente que o filme possibilita fazer reflexões que dizem respeito à problemática do imigrante. Desse modo, em muitas ocasiões da película os californianos englobam no tipo mexicano não só os nascidos no país ao sul dos Estados Unidos, mas também hondurenhos, guatemaltecos e até bolivianos ou colombianos. Por outro lado, a representação que é feita dos mexicanos é altamente preconceituosa, colocando-os todos como pobres, religiosos e dotados de muita sensibilidade e pouca razão. É, mais uma vez, um choque de padrões culturais, em razão do que os norte-americanos construíram um imaginário que identifica qualquer latino como mexicano.

Um dos personagens tem uma fala que parece lançar certa luz sobre essas abordagens que este artigo procura fazer. Num determinado momento, ele exclama: “o que faz Joe ser Joe e não José?” É possível que nessa frase esteja embutido um questionamento sobre a construção de imaginários produtores de identidades. Se leva-se em conta que "Joe" em inglês é "José" em espanhol, pode-se interpretar a pergunta de outra forma: o que constitui a identidade norte-americana e o que constitui a identidade mexicana?

Aqui novamente Schutz (2010) pode fornecer algum esclarecimento, com sua análise sobre o *padrão cultural de vida do grupo* que, conforme o entendimento aqui proposto, produz um choque quando encontra culturas diferentes, ao mesmo tempo que forma, a respeito dessa

outra cultura, uma imagem que é gerada pelas receitas que aquele padrão cultural disponibiliza. No filme, vê-se claramente que o padrão cultural norte-americano constrói uma imagem sobre o que é ser mexicano, englobando outros países nessa identificação. É interessante notar aqui, mais uma vez, a existência de uma rica construção de identidades no processo imigratório.

É o momento de sair do campo artístico - a produção cinematográfica - para os rigores da pesquisa, a fim de examinar teoricamente essas problemáticas. Resende (2009) analisa importantes aspectos dessa realidade aqui tratada. Entre as várias reflexões que ela faz, uma merece destaque especial. Pesquisando sobre a construção da identidade brasileira por meio de informações de brasileiros que saíram do país para fazer pós-graduação na Europa e nos Estados Unidos na década de 1990, a pesquisadora trabalha certas questões teóricas que podem também ser úteis para quem analisa o fenômeno imigratório em geral.

Ela elabora a ideia da construção das identidades nacionais vividas por brasileiros no exterior; e estuda a experiência subjetiva dessa construção, concluindo que o conceito de identidade articula o plano subjetivo do indivíduo com sua inserção social.⁵ A pesquisadora adota uma postura teórica que tende a se afastar de visões tradicionais que essencializam as identidades e as mostram como resultantes de um processo ontogenético, ou seja, produzidos pela "natureza". Rezende conclui pelo contrário: a subjetividade encontra-se presente nessa construção das identidades. Ela se aproxima de uma visão construtivista, que permite interpretar a identidade como uma construção e que, por isso mesmo, varia de época para época. É assim que "grupos não são entidades delimitadas, mas processos simbólicos que emergem e se dissolvem em certos contextos de ação" (REZENDE, 2009, p. 21).

Suas análises, entretanto, não negam o conceito de permanências, desde que se entenda que há um processo de construção e que tudo pode ser modificado pelas circunstâncias. Por causa dessa característica, a identidade, segundo ela, remete a uma relação de unidade/semelhança e contraste de um sujeito com um determinado grupo social. Ou seja, definir quem é uma pessoa significa definir também quem ela não é, por comparação. Assim, a identidade é definida pela semelhança e pelo contraste. É uma relação simultânea de inclusão e exclusão, que está ligada a uma característica fundamental da vida em sociedade: a existência de sistemas de classificação de pessoas e grupos sociais, que incluem alguns e segregam outros.

Afirma Resende que essas categorias organizam as semelhanças e as diferenças e formam o alicerce da identidade. Ela coloca, assim, os fundamentos para se analisar o dilema colocado no filme *Um dia sem mexicanos*, quando o personagem pergunta sobre *o que faz com que Joe seja Joe, e não José*. São, como se pode ver, reflexões que podem esclarecer vários aspectos da dinâmica imigratória.

⁵ A subjetividade, conforme Japiassu e Marcondes (2001, p. 254) é a "[...]característica do sujeito; aquilo que é pessoal, individual, que pertence ao sujeito e apenas a ele, sendo portanto, em última análise, inacessível a outrem e incomunicável [...]".

Amreeka (2009)

O filme *Amreeka*, do diretor Cherien Dabis, é outro que apaixona a todos os que se interessam pelo tema da imigração. Descreve o drama de uma mãe e um filho palestinos que recebem o *greencard* e se mudam de Belém para uma cidade próxima a Chicago, em Illinois, nos Estados Unidos. É uma mistura de tragédia e comédia e representa muito vivamente o processo imigratório como ele normalmente se dá nos dias atuais: o sonho de uma vida melhor, a chegada à "terra prometida", as decepções com a nova vida e, finalmente, a saudade da terra da qual se emigrou e que, agora, torna-se um como que um "paraíso perdido".

O jornalista Gustavo Chacra, com mestrado em relações internacionais pela Universidade de Columbia (EUA), em *O Estado de São Paulo* fez sobre esse filme comentários que podem ser úteis a estudos sobre a imigração. Durante anos ele baseou-se no Oriente Médio e fez matérias sobre Beirute, Jerusalém e outros tantos locais dessa região conturbada. Em seu artigo sobre o filme ele faz referência à quebra de estereótipos. Assim, a família na qual a mãe e o filho palestinos passam a viver nos Estados Unidos é constituída de tio, tia e primos, todos cristãos também palestinos, pouco tendo a ver com o que os americanos imaginam de uma família palestina: muçulmana radical e provavelmente ligada à rede terroristas da Al Qaeda (CHACRA, 2009). Aqui acha-se embutida novamente uma das mais interessantes dinâmicas a se analisar, quando se estuda o encontro de duas culturas: o que uma imagina a respeito da outra. Tanto o artigo do jornalista, quanto o filme *Amreeka* exemplificam bem essa problemática: a invenção de imaginários na construção das identidades, a partir do choque de padrões culturais.

Ora, a invenção dos imaginários - em inúmeras circunstâncias nas quais esse fenômeno pode se dar - constitui um dos temas de um dos maiores estudiosos da imigração: Abdelmalek Sayad, argelino assistente de Pierre Bourdieu na *École des hautes études en sciences sociales* de Paris e que se especializou no tema da imigração, do qual formulou conceitos que explicam muito do processo imigratório. O filme *Amreeka* apresenta muitas passagens que são explicitadas pelas teorias desenvolvidas por esse especialista em imigração. Nessa relação entre Sayad e esse filme, interessa a este estudo focalizar a questão da memória e do imaginário na construção da identidade, no sentido em que entende Le Goff (1990, p. 410), para quem "a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]".

Antes de partirem, os dois palestinos do filme já exercitam a memória, lembrando-se com alegria daquilo que eles imaginaram que vai ser o país para o qual imigram. O filho denota muita felicidade e a mãe até canta e dança antes de partirem. Quando chegam aos Estados Unidos, eles se defrontam com o imaginário que os norte-americanos construíram a respeito dos palestinos. Essa visão que vem da outra cultura - esse imaginário contrário - contribui para a formação da própria identidade, por parte do imigrante. Isto porque "[...] o ser social é feito de tal maneira que ele é essencialmente um ser percebido, portanto, um ser sobretudo preocupado com a percepção que o Outro tem dele, com a representação que faz de si mesmo, de seu parecer e de seu aparecer" (SAYAD, 2000, p. 17, n. 24).

Essa percepção do que *o Outro* pensa é, por assim dizer, aquilo que poder-se-ia chamar de "anti-memória" - já que é a memória oposta - e que, de um jeito ou de outro, influencia o imigrante e contribui para a construção de sua nova identidade. No *Amreeka*, o filho era, antes de emigrar, um palestino residente na Palestina; depois que entrou nos Estados Unidos, ele passa a ser um palestino imigrante. São duas identidades, portanto: a de antes e a de depois da imigração. E, obviamente, a imagem que o americano construiu sobre o que é ser palestino, essa imagem contribui para a imagem que, agora, o palestino faz de si mesmo. Ou seja, o choque dos imaginários tende a moldar a nova identidade daquele que imigra. Talvez esteja aí o fundamento da afirmação de Sayad: "a emigração e a imigração carregam consigo objetivamente a ameaça de atentado à integridade cultural" (2000, p. 19).

Por outro lado, o filme também ilustra muito claramente outro conceito estudado por Sayad e que diz respeito ao apoio que o imigrante recebe no seu relacionamento com as redes de comunicação e que constituem uma espécie de fortalecimento daquilo que o referido pesquisador menciona como a *lógica da honra*. Nessas redes, o sentimento de honra fortalece a autoestima e reforça a nova identidade. É por isso, talvez, que os imigrantes formam redes. E redes que apoiam mais que materialmente: elas oferecem respeito. Elas, por isso, honorificam o imigrante. É o que o pesquisador chama de *lógica da honra*.

Além dessas reflexões, Sayad afirma que um dos traços mais importantes do fenômeno migratório é a questão do retorno, toda ela envolta pelos conceitos relacionados com a identidade. O imigrante, diz ele, "[...] só deixa de sê-lo quando não é mais assim denominado e, conseqüentemente, quando ele próprio assim não mais se denomina, não mais se percebe como tal [...]" (SAYAD, 2000, p. 11) o que não é um fenômeno muito comum, já que a maioria dos imigrantes pensa no retorno. Perguntar se ele quer voltar para seu país de origem é o mesmo que interrogar a um cego se ele quer a luz. Como resolver, então, esse dilema do imigrante: deseja voltar; mas, ao mesmo tempo, não quer voltar. Ou não pode voltar. Esse dilema é resolvido, talvez, pelos rituais dos quais o imigrante participa junto a seus compatriotas no país para o qual imigrou. Ele não volta, mas, por assim dizer, mata saudades participando de encontros sociais onde ele revive os contatos, a cultura, a língua e a gastronomia de sua terra natal. É, paradoxalmente, um retorno sem retorno.

O filme *Amreeka* termina com um desses rituais de encontro. É sabido que brasileiros nos Estados Unidos, por exemplo, frequentam casas de brasileiros e até têm um encontro anual em Nova York, em que a brasilidade é ostentada num dos principais locais da ilha de Manhatam, comemorando o nosso Sete de setembro. É a memória formalizando um imaginário e até construindo uma identidade nova - a do brasileiro vivendo nos Estados Unidos -, diferente da identidade do brasileiro que vive no Brasil. São duas identidades diferentes, como são diferentes as identidades dos palestinos do filme: enquanto vivendo na Palestina ou em Illinois.

O choque cultural, o passado imaginado, as saudades dele, o desejo do retorno, tudo isso está reunido na construção de uma nova identidade, quando se sai da terra natal e se imigra, ainda que essa mudança para um novo país se dê por razões outras que não a financeira. O desejo do

retorno e a nostalgia do "paraíso perdido" exerce um grande papel na construção da nova identidade do imigrante. É a grande lição de *Amreeka* à luz dos estudos de Sayad.

Território restrito (2009)

Do diretor Wayne Kramer, ele mesmo um imigrante da África do Sul vivendo nos Estados Unidos, o filme *Território Restrito* é bastante rico em oferecer dados que proporcionam reflexões sobre a imigração, o que já é possível a partir do título, tanto no original, em inglês, quanto em sua tradução para o português. *Crossing Over*, o título escolhido pelo diretor, é uma expressão que em inglês expressa muito bem a dinâmica do processo. É a forma gerundiva de *to cross over*, que significa atravessar, cruzar. *Crossing over* expressa, assim, o significado de *atravessando*, *cruzando*. Sair de um lugar e ir para outro indica exatamente isso: quem emigra e, depois, entra em outro país, atravessa fronteiras, passa de uma cultura para outra, cruza com diferentes maneiras de viver, enfim, realiza um processo de “*cross over*”. Mas esse não é um processo definitivo: "o imigrante atravessou e pronto! Tudo já está acabado!" Não, porque a imigração é dinâmica. Para o imigrante, esse processo nunca termina. Ele está sempre atravessando, sempre cruzando. O modo verbal, portanto, não deve ser o indicativo, que seria “*atravessa*”. Para intitular o filme foi utilizada a forma gerundiva: “*atravessando*”, “*cruzando*”. O diretor foi, então, muito feliz ao dar ao filme um título que representa com veracidade o que as pesquisas vêm afirmando: é constante a construção da identidade do imigrante.

Quanto ao acerto do título, o mesmo se pode dizer de *Território Restrito*, escolhido para a versão do filme divulgada no Brasil. Os estudos apontam, como se viu neste artigo, que uma das grandes questões a se analisar nesse tema é a dos choques entre os valores culturais de que é portador aquele que sai de seu país de origem e a cultura do país para o qual se imigra. Vem daí também o choque inverso, ou seja, do nacional com relação ao imigrante: trata-se sempre de um choque cultural. O filme *Território Restrito* está repleto de exemplos desses choques de padrões culturais, evidenciando, assim, aquilo que os estudiosos indicam.

Por outro lado, também feliz foi o diretor quando intercalou, entre um e outro conjunto de cenas, o fluxo do tráfego em Los Angeles - cidade que serve de cenário para a película -, sempre indicando que as vias se orientam para uma entrada ou uma saída de veículos, com vários cruzamentos e muito movimento, tudo visto do alto, lembrando o fluxo migratório nos Estados Unidos: muitos que entram e saem, muitos acessos e muito movimento que, vistos do alto, apresentam sua beleza e até convencem. Mas se se observa de baixo, poder-se-á notar que a realidade é diferente daquilo que a beleza do fluxo apresenta: é um território que não inclui e, portanto, é restrito. Embora sem analisar especificamente o caso norte-americano, Sayad (2009), por exemplo, estuda essa questão e afirma que “[...] o imigrante está aqui e lá, está presente e ausente ou, invertendo os termos, não está nem aqui nem lá, nem presente, nem ausente [...]” sendo esse um dos paradoxos da imigração “ausente onde está presente e presente onde está ausente” (SAYAD, 2009, p. 20), ou seja, excluído.

Nota-se difusa em toda a película a ideia de que os Estados Unidos são o país onde corre o leite e o mel: é a terra prometida. Percebe-se isso no contraste entre a vida no país do tio Sam e no México. Assim, riqueza x pobreza, industrialização x vida rural, vida movimentada x vida pacata, tudo isso são contrastes que contribuem para o realce dessa ideia que embala os imigrantes: a prosperidade faz parte do jeito americano de viver. O filme, entretanto, não mostra a pobreza que existe em escala crescente nos Estados Unidos, nem mostra a riqueza, por exemplo, da cidade do México e várias outras além da capital. Ele ilustra o imaginário presente naqueles que são imigrantes nos Estados Unidos e que acha-se em evidência em todos os imigrantes do filme. Todos eles têm um sonho em comum: obter o visto de residência norte-americana. É essa a grande trama do filme: tudo gira em torno da obtenção do importante *green-card*, passaporte de realização do sonho do imigrante e que, por sua vez, reflete o que é conhecido por *american dream*.

Como outros estudiosos, também Saskia Sassen (2010), mostra muito claramente a questão da construção do imaginário enquanto interferindo no processo imigratório. Ela afirma que as análises econômicas tendem a explicar a formação da imigração internacional em termos de repulsão e atração, produzidos principalmente pela pobreza e o desemprego. Entretanto, pondera a estudiosa, "[...] os fatores de repulsão e de atração podem explicar por que certas pessoas se mudam, mas não explicam por que a maioria das pessoas que vive em condições semelhantes não se muda" (p. 114). Muitas outras variáveis entram em jogo. Existem, segundo ela, questões subjetivas envolvidas, relacionadas muito proximamente com o imaginário. Ela até cita o exemplo de um conhecido estudioso originário da Jamaica, Stuart Hall, que dizia que a percepção da Inglaterra e do caráter inglês era tão disseminado em sua Jamaica natal, que fazia os jamaicanos sentirem que Londres era a capital para onde todos iriam, mais cedo ou mais tarde. Trata-se de um imaginário conduzindo à imigração. No caso do filme aqui analisado, o imaginário dizia respeito ao sonho americano com o qual todos sonhavam, quando buscavam o *green card*.

Obviamente, em *Território restrito* o sonho americano não estava presente na corrupção do funcionário da imigração que propunha a obtenção da permissão de permanência em troca de favores sexuais, como ocorreu com a modelo australiana, outra personagem. Também não estava presente, quando a estudante muçulmana foi censurada na expressão de suas ideias, durante uma aula na escola que frequentava regularmente e onde até foi acusada de defensora do terrorismo. Esses fatos, na película, são, por assim dizer, o fluxo visto de baixo: sem glamour, pois era o contrário do sonho americano.

Vê-se, assim, que o filme mostra, por um lado, o imaginário que busca o sonho americano e, por outro lado, a paranoia que é o viver sob esse sonho ao mesmo tempo gerador de prosperidade para alguns e de exclusão para outros. Trata-se, entretanto, de um imaginário que só vê as oportunidades e a riqueza, não observa que aquele território é restrito. Mas foi esse imaginário que impulsionou o fluxo imigratório, tão bem representado pelas cenas aéreas de textura viária, simbolizando aquilo que caracteriza propriamente a imigração: a mobilidade humana.

Conclusão

Filmografia a serviço da História: Arte e Ciência, de mãos dadas para procurar desvendar aquilo que pode ser considerado, talvez, um dos grandes mistérios do comportamento humano, ou seja, a mobilidade. Por que uns migram e outros não? Motivações econômicas, razões políticas, questões étnicas, busca de empregos, *american dream*, tudo compõe um conjunto merecedor de pesquisas destinadas a explicar esse fenômeno permanente e universal: a migração.

Por outro lado, a permanência do imigrante em sua nova terra constitui uma das maiores fontes de estudo para as Ciências Sociais, já que permitem analisar inúmeras questões relacionadas com outras problemáticas que não as da mobilidade humana. Por exemplo, o retorno: por que uns voltam? por que outros não voltam? qual o papel da nostalgia nesse desejo de voltar ou de ficar? São perguntas que exigem respostas fundamentadas e que podem gerar reflexões orientadoras de políticas públicas relacionadas com o processo migratório, atualmente tão em evidência no noticiário e nas preocupações dos estudiosos.

Assim, o imigrante, enquanto portador de uma cultura, construtor de um imaginário ou reinventor de uma identidade pode fornecer subsídios para o estudo dessa realidade que, cada vez mais, vai se constituindo em uma das mais importantes preocupações dos governantes em qualquer parte do Globo. O estudo da construção dos imaginários e de seu papel político e social vai se firmando cada vez mais como uma das grandes vertentes da historiografia, desde a Escola dos Annales. Por outro lado, a construção das identidades está se constituindo, atualmente, em um interessante bloco de pesquisas e análises que colocam problemas cuja resolução muito pode ajudar na elaboração de hipóteses que certamente terão aplicabilidade neste mundo em que a mobilidade humana vai se tornando cada vez mais frequente. Basta ver, por exemplo, a presença de africanos na Europa, a ida de turcos para a Alemanha, a entrada de portugueses no mercado de trabalho da França ou a chegada de haitianos no Brasil.

O mundo globalizado permitiu o crescimento acelerado da abrangência dos meios de comunicação social, dando origem àquilo que, com tanta propriedade, foi denominado aldeia global e que faz com que a difusão dos meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão e a internet, leve qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo a ser exposta quase instantaneamente às mesmas imagens, o que conduz os estudiosos a se interessarem muito particularmente pelo que, nesse mundo em processo de globalização, pode acontecer com as identidades territoriais e, conseqüentemente, com o processo migratório, seja em sua versão de emigrantes, quanto na de imigrantes. Vê-se, aí, a atualidade dos estudos relacionados com a mobilidade humana.

Entre os muitos problemas que podem e devem ser analisados, quando se pesquisa sobre esse tema, é, por exemplo, o fato de que as estatísticas indicam que as mulheres costumam ser a maioria dos trabalhadores legais e ilegais exportados, como também o fato de que as remessas globais enviadas pelos imigrantes para seu país natal triplicaram, entre 1998 e 2005, fazendo com que, em certos países, as remessas representassem uma das maiores fontes de moeda estrangeira nos últimos anos. Tratam-se de dados que, por exemplo, importam sobremaneira na elaboração de políticas públicas. Vê-se, assim, a utilidade prática de estudos que procuram desvendar os

diversos mistérios do processo imigratório, seja por meio dos rigores da pesquisa científica, seja por intermédio do glamour da Arte.

Este artigo procurou unir as duas vertentes - Arte e Ciência - em reflexões sobre a vida e o ser humano em movimento. E estudar a vida é considerada uma das maiores qualidades do historiador.

Referências

Obras cinematográficas

AMREEKA. Direção Cherien Dabis, Produção: Canadá, Estados Unidos, 2009.

COISAS Belas e sujas. Direção: Stephen Frears Produção: Reino Unido, 2002.

TERRITÓRIO restrito. Direção: Wayne Kramer. Produção: Estados Unidos, 2009.

UM DIA sem mexicanos. Direção: Sergio Arau, Estados Unidos, Espanha, México, 2004.

Obras de apoio

BINZER, I. **Os meus romanos**: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BLOCH, Marc L. B. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CHACRA, Guga. Filme palestino-americano Amreeka ensina até o que significa xeque-mate. 8 de setembro de 2009. **Jornal O Estado de São Paulo**. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br>>. Acesso em: 27 out. 2013.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre praticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

FRANCO, Gustavo H. B. **A economia em Machado de Assis - o olhar oblíquo do acionista**. São Paulo: Zahar, 2008.

JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: um debate metodológico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 237-250. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1940>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1990.
- MILESI, Rosita e CARLET, Flavia. Refugiados e Políticas Públicas. In: RODRIGUES, Viviane Mozine. **Direitos Humanos e Refugiados**. Vila Velha: UVV, 2006.
- REZENDE, Claudia B. **Retratos do estrangeiro**: identidade brasileira, subjetividade e emoção. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- RODRIGUES, Viviane Mozine. **Direitos Humanos e Refugiados**. Vila Velha: UVV, 2006.
- RUSS, Jacqueline. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Scipione, 1994.
- SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. São Paulo: Artmed, 2010.
- SAYAD, A. In: O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Revista do Migrante**, Ano XIII, número especial, 2000.
- SCHUTZ, Alfred. **O estrangeiro**: um ensaio em psicologia social. Revista Espaço Acadêmico, n. 113, 2010.
- SHALOUB, Sidney. **Machado de Assis historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SKLAIR, Leslie. Globalização. In: SCOTT, John (Org.). **Sociologia**: conceitos-chave. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- SORLIN, Pierre. **Sociologie du cinéma**. Paris: Éditions Aubier Montaigne, 1977.

Recebido em: 20/01/2013

Aprovado em: 27/02/2014